

Bruno, até logo

Rodrigues Pinagé

No Túmulo de Bruno de Menezes

Piedoso seja o chão que gelar os teus dedos,
piedoso como o olhar de Marília rezando,
para que a tumba possa escutar os segredos
dos poemas que fizeste, a lira dedilhando!

A noite há de dormir contigo, aflita e bela!
Na imensa vastidão estrelejada e nua,
a lua não terá quem converse com ela...
ninguém mais ouvirá quem converse com a lua!

Mensageiro da Paz, mal começara o Templo,
e o convite fatal perturbara-lhe a idéia!
— Outro São João romano, a nos dar novo exemplo,
sem concluir na terra a histórica epopéia!

Mensageiro da Luz, como um sol na subida,
esparzindo clarões destes pagos do Norte,
levaste do Pará — a Mensagem da Vida,
e trouxeste, ao voltar, a Mensagem da Morte!

Eu, que rasguei contigo as entranhas da terra,
para colher a flor da poesia nativa,
vejo hoje emudecer meu canário da serra
e fugir-me da gaiola a melhor patativa!

É noité para mim teleológica aurora!...
Na hora em que as tuas cans a Verdade confisca!
— Macias, como as mãos esgalgas de Lenora;
— Alvas, como o candor maternal de Francisca!

Recebe, pois, meu poeta, a esta hora derradeira,
pela mão de Geraldo — o missionário insonte —
o adeus ao teu amor, que não teve fronteira,
e ao teu estro imortal, que não teve horizonte!

Até logo, ó cantor de renúncias e audácias!
Espera-me no Além silencioso e profundo.
Comigo hei de levar tua palma de acácias
e o cajado de rei, que deixaste no mundo!

(Poema constante do livro "Poemas Escolhidos", de Rodrigues Pinagé — Imprensa Universitária, 1964 — Belém-Pará)